

Diário de Bordo

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL, CULTURAL
E ASSISTENCIAL MIESPERANZA**

Organizado por:

Dr. Zilmar Ferreira Freitas

INSTITUTO AVANÇADO DE PSICANÁLISE MIESPERANZA

CNPJ 01.436.462/0001-19 - CMC 018.517-8 - Fundada em 16/09/1996

Rua Leme, 45 Centro Rio das Ostras/RJ - Tel.(22) 27712049

Declarada de Utilidade Publica Municipal – Lei 2657/2005 – de 10/10/2005

Filiada ao SINDELIVRE/RJ, SOCIEDADE PSICANALITICA MIESPERANZA e UNESCO

*“Todos os direitos reservados
ao autor. Permitida aos
alunos do Miesperanza a
reprodução no todo ou em sua
parte, para fins de estudo e
pesquisas”*

Miesperanza Editores
Janeiro 2012



MIESPERANZA
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL • CULTURAL E ASSISTENCIAL

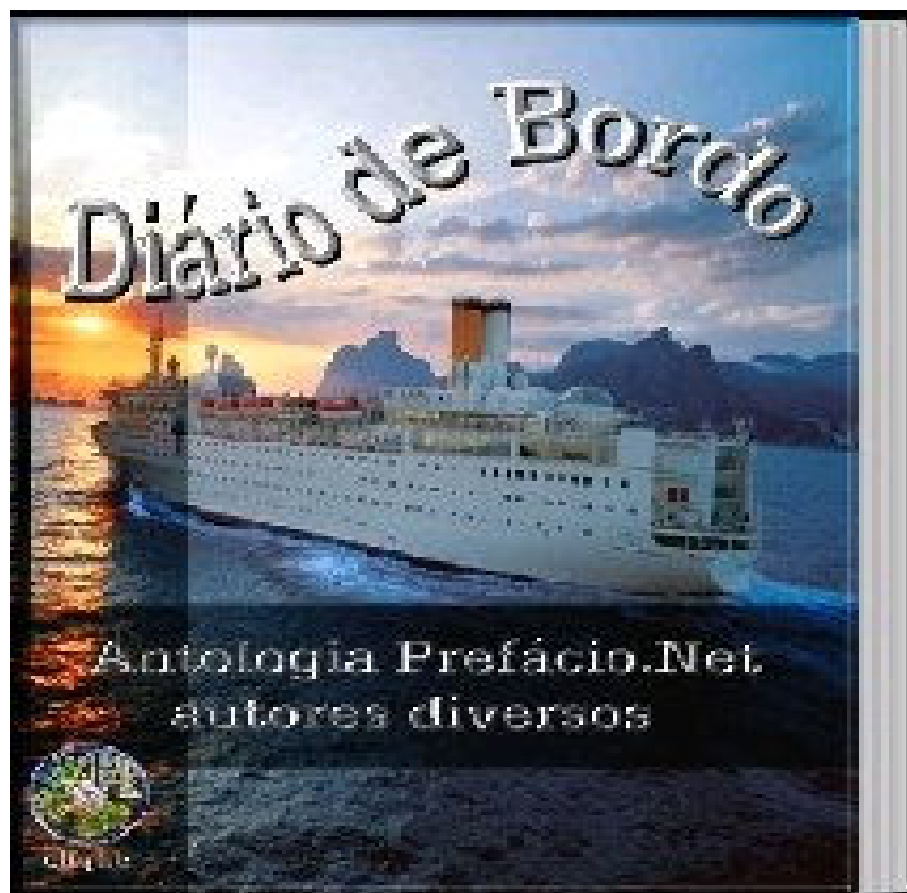


Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Escolas
Associadas
da UNESCO

Copyright@2012 by MIESPERANZA



O **diário de bordo** é um precioso auxiliar de navegação. É o local onde se anotam e registram diversos fatores que ocorrem numa viagem. Apesar de não ser obrigatório nos barcos de cruzeiro, deve ser usado, pois além de ter anotada a atividade de bordo, acaba por ser uma excelente recordação de um cruzeiro quando bem preenchido.

Existem alguns modelos que se podem adquirir nas lojas da especialidade, mas poucos são os que nos satisfazem. Devem ter sempre uma página em branco enquanto que a outra terá uma grelha de entradas com os itens a preencher. A página em branco servirá para anexar documentos, desenhos ou observações. Caso não seja possível encontrar um **diário de bordo** que nos agrade, hoje em dia com um computador podemos imprimir rapidamente um a nosso gosto, senão qualquer caderno com páginas em branco ou quadrículas servirá o propósito.

O registro de entradas no **diário de bordo** deverá ser da responsabilidade de um membro da tripulação, normalmente de quem se encarrega da navegação de bordo ou do responsável da embarcação. O seu uso obedece a regras simples mas metódicas, de modo a tirarmos dele alguma utilidade.

Existem vários tipos de registro num **diário de bordo** que podem ser mais ou menos completos conforme a viagem a efetuar.

Deverá haver uma primeira parte, em estilo de introdução, onde é inscrita a informação considerada relevante numa partida que poderá conter, entre outros, os seguintes dados:

- porto e hora da largada
- porto e hora estimada da chegada
- quantidade de água e combustível a bordo
- horas de motor
- milhas do conta-milhas
- rol de tripulantes
- timoneiro/responsável

As horas deverão ser sempre em UT. Quando for necessário referência em horas locais deverá ser mencionada a diferença para UT. Poderá ainda descrever condições atmosféricas, mar, o abastecimento e a revisão efetuada (ou não) ao barco, e outro assunto que se julgue de interesse.

As outras entradas serão feitas sempre num determinado intervalo de tempo a definir. Será normal pensar 2, 3 ou 4 horas. Mas existem alturas em que o registro deve ser obrigatório. Todos os inícios do dia, mudanças de turno, alterações de rumo, marcações do ponto, alterações significativas do mar ou do tempo, etc.

Numa viagem oceânica, quando nos cruzamos ou estabelecemos um contacto com outra embarcação, anotaremos o local do contacto, a nacionalidade, o rumo e o tipo do outro navio. Estas entradas poderão ter os seguintes dados:

- Hora (UT)
- Posição (latitude e longitude)
- Rumo
- Milhas marcadas no conta-milhas

- Velocidade do barco
- Vento (direção e velocidade)
- Tempo (pressão, temperatura, humidade)
- outros dados interessantes

Dia 23 de Julho 1998
terça

CONQUISTADOR

Timoneiro J. Pedro

Hora UT	Posição		Rumo	Milhas	Vel.	Vento		Atmosfera			Obs.
	Lat.	Long.				Dir.	Vel.	Pressão	Temp.	Humid.	
10:35 h	38°31'N	22°53'W	228 V	736	5,5	NW	8,40 m	1017	21°	78%	Saída de Setúbal (clube) w/ destino Sines
12:00 h	38°26'N	22°51'W	175 V	742	5	NW	8 m	1018	24°	80%	Virámos para Sines
15:20 h	—	—	174 V	765	5	N	8,5 m	1018	26°	80%	frente à Lagoa de Sto. André avistamos golfinhos
16:55 h	—	—	174 V	769	6,5	N	11,5 m	1018	25°	80%	cruzámos com o VIAJANTE que se dirigia para Lisboa
18:00 h	38°35'N	22°52'W	174 V	779	4	N	7 m	1018	23°	80%	Sines à vista

Exemplo das entradas num Diário de Bordo

No final da viagem, à chegada encerraremos o **diário** dessa viagem anotando:

- porto e hora da chegada
- horas do motor
- milhas do conta milhas
- horas e milhas gastas
- tripulação que chegou (pode haver trocas nas escalas efetuadas)

E porque não terminar com um registro de cada tripulante sobre a viagem? Fotos, desenhos e comentários serão sempre uma lembrança para recordar no futuro.

Bem, a esta altura você pode estar se perguntando: O que tem a ver isso tudo com a formação psicanalítica? Tudo. Liberte o seu imaginário e sinta a viagem maravilhosa que você está fazendo pelo mundo da psicanálise – cada detalhe, cada conceito, cada experiência, por certo estão acrescentando muito a sua vivência como pessoa, ser humano.

O **diário de bordo** é um espaço reservado para os alunos refletirem sobre seu processo de aprendizagem e relações com os colegas no curso.

Ensinar Psicanálise é um ato psicanalítico e é um projeto de desalienação. Desalienação desta vez não do sujeito analisando, mas desalienação do discurso que se tem sobre o saber psicanalítico. O que se ensina é de fato um modelo metodológico que subordina todo saber a uma interrogação e a uma colocação em questão.

Formar um psicanalista - como entender este programa? A palavra "formação" é sempre carregada de positividade e normatividade; ela conota um projeto e um processo. A noção de formação analítica comporta uma contradição nos próprios termos, já que a Psicanálise não é feita para instituir modelos de pensamento ou de comportamento. A Psicanálise não pode ser ensinada como as outras ciências. As pesquisas e os debates apontam a inexistência de um consenso ou mesmo algum acordo no que diz respeito à formação, critérios de seleção, importância da teoria, etc. Ao que parece, o maior acordo diz respeito à formação tripartida do analista: CONHECIMENTO TEÓRICO X ANÁLISE DIDÁTICA PESSOAL X SUPERVISÃO.

Uma “formação” psicanalítica é a resultante de um intenso e longo trabalho numa análise pessoal, com a elaboração de uma prática teórica e clínica a partir do que se oferece no Projeto Psicanalítico - ensino e pesquisa - e na Escola de Psicanálise - dispositivos.

A filosofia do Instituto Avançado de Psicanálise Miesperanza sobre a formação em Psicanálise, rege-se de acordo com os princípios adotados pelo universo psicanalítico comprometido com a prática da pura, séria e genuína Psicanálise. Entendemos que é necessário que o aluno seja submetido a um rigoroso processo de formação, daí ser indispensável a sua presença em sala de aula por ocasião da ministração dos módulos, o que ocorre de quinze em quinze dias, em alguns “campus” numa sexta-feira, das 19 às 22 horas, e aos sábados das 08 às 17 horas, noutros “campus” somente aos sábados das 08 às 17 horas, com intervalo para o almoço.

De um modo geral, o analista se forma no quadro de um grupo científico ou ideológico, fora de toda lei reguladora externa; as universidades não são reconhecidas como podendo responder pela formação de psicanalistas.

De fato sabemos que: 1) o saber do analista tem como objeto o estudo do funcionamento psíquico; 2) a particularidade deste saber consiste na necessidade, tanto para o analista quanto para o analisando, de, a cada vez, reencontrá-lo *in vivo*; 3) isto o diferencia do que seria, por exemplo (Castoriadis), o saber matemático - frente a um triângulo retângulo, posso sempre afirmar que o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos; face a um sujeito, não posso sustentar nenhum teorema deste tipo: "Em todo sujeito histórico, posso deduzir, *a priori*, que fatores históricos determinaram seu destino"; a respeito deste sujeito particular com quem me enfrento eu não conheço nada - o que eu sei é o caminho para fazê-lo chegar a este conhecimento; 4) donde se conclui que o saber do analista se resolve num saber analisar, isto é, ser capaz de levar um outro sujeito à decifração do seu texto inconsciente; analisar é um fazer saber e não um saber fazer.

A INVESTIGAÇÃO PSICANALÍTICA ESTÁ AMEAÇADA DE EXTINÇÃO?

Theodor S. Lowenkron¹

Considero que o método de investigação ocupa a posição primordial em relação aos três sentidos propostos por Freud para psicanálise – método de investigação, forma de tratamento e teoria -, bem como admito considerar a psicanálise uma ciência empírica, remetendo a representação da empiria, particularmente, ao campo da transferência.

Segundo Cooper, entretanto, a pesquisa empírica consiste no estudo sistemático de qualquer fenômeno realizado por meio de uma metodologia, que permita alguma forma de análise estatística e que forneça elementos que possibilitem a outros tentarem replicar a

¹ Coordenador da Comissão de Pesquisa da Associação Brasileira de Psicanálise, Membro Efetivo da SBPRJ. Doutor em Psiquiatria e Pós-Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Livre Docente pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ e Professor do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental do IPUB.

experiência. Wallerstein e Green ilustram exemplarmente a polêmica que essa concepção de pesquisa empírica suscita em psicanálise. Herrmann considera que pesquisa dita empírica em psicanálise é tentativa de imitação do modelo positivista de erradicação de desvios interpretativos do pesquisador, o que preside esse tipo de pesquisa é a verificação objetiva e o fascínio por experimentos quantitativos, que não passa de uma certa nostalgia da ciência natural, do desejo de substituir o método psicanalítico pelo método de verificação quantitativa. Já Renato Mezan delinea duas direções para a pesquisa em psicanálise: a vertente incluída nos programas universitários, cujo objeto de pesquisa é constituído, principalmente, por textos, e a vertente do modo de produção dos conhecimentos psicanalíticos de Freud, Kohut e Green. A coesão interna, a comunicabilidade, a verificabilidade e a cumulatividade aparentam a psicanálise às formulações científicas e os aspectos da prática terapêutica a aparentam às artes e à ourivesaria. A contribuição de Birman ao debate valoriza, por um lado, o espaço psicanalítico não por sua exterioridade, mas pela dimensão básica do processo psicanalítico e, por outro, a interdisciplinaridade para o avanço do saber psicanalítico, afirmando que é a experiência psicanalítica que tanto define a direção da pesquisa em psicanálise como admite diversas possibilidades de clínica.

Com minha experiência em pesquisa e a reflexão teórica apresentada insiro-me neste debate posicionando-me com Freud: se a experiência estiver alicerçada nos conceitos fundamentais da psicanálise – o inconsciente, a resistência e a transferência, qualquer linha de investigação tem o direito de chamar-se psicanalítica. Enfim, trata-se primordialmente de qualidade e não de quantidade.

Ressalta-se, ainda, com vistas à sua contribuição para o progresso no campo da psicanálise e da saúde mental, a necessidade de revisão da definição de psicanálise estabelecida pela International Psychoanalytical Association

(2003), que se limita apenas a dois sentidos – a teoria e a terapia – e desconsidera o sentido da investigação, que, para Freud, é o primeiro dos três sentidos da psicanálise.

Unitermos: *Conceito de Psicanálise, Discussão conceitual, Análise Crítica e Proposta sobre a definição atual de Psicanálise da IPA.*

Introdução

O título deste trabalho é uma pergunta dirigida aos membros da Associação Brasileira de Psicanálise – ABP, e mais ainda aos referidos membros, enquanto integrantes da International Psychoanalytical Association – IPA.

Procurarei desenvolver, ao longo desta comunicação, a justificativa da pergunta formulada e a necessidade de reflexão sobre o que se define pelo termo psicanálise, para verificarmos que o título deste trabalho tem o propósito de levantar a questão de um possível sintoma que acomete nossa instituição maior, a International Psychoanalytical Association - IPA. De acordo com a *Constitution and Bylaws* da IPA (2003), ratificada pelos membros da instituição por cédula de votação enviada para 10.700 psicanalistas formados e reconhecidos pela instituição, em seu artigo 3, “Definições e Terminologia”, psicanálise assim se define:

O termo ‘psicanálise’ refere-se a uma teoria do funcionamento e da estrutura da personalidade e a uma técnica psicoterapêutica específica. Esse corpo de conhecimento é baseado e derivado das descobertas psicológicas fundamentais feitas por Sigmund Freud. As palavras ‘psicanálise’, ‘psicanalítico’ etc. são os equivalentes das palavras ‘psico-análise’, ‘psico-analítico’ etc (p. 47).

Tendo presente a nova definição de Psicanálise proposta pela IPA, pretendo iniciar com as definições consideradas fundamentais, abordando, em seguida, algumas das problemáticas da pesquisa em psicanálise, para, depois de apresentar a contribuição de alguns autores representativos da

produção científica brasileira, concluir com meu posicionamento e justificativa do título desta comunicação.

A Psicanálise deve comportar o sentido originário de Pesquisa formulado por Freud?

Freud (1923) formulou uma definição de Psicanálise das mais claras e aceitas no movimento psicanalítico de todos os tempos e lugares, que se encontra no início do artigo *Dois verbetes de enciclopédia*, onde ele afirma que Psicanálise é o nome: 1. De um procedimento para a investigação de processos mentais que, de outra forma, são praticamente inacessíveis. 2. De um método, baseado nessa investigação, para o tratamento de distúrbios neuróticos. 3. De uma série de concepções psicológicas adquiridas por esse meio e que se somam umas às outras para formarem progressivamente uma nova disciplina científica.

Assim, no entendimento de Freud, o termo psicanálise tem três sentidos: um método de investigação, uma forma de tratamento e o nome do conhecimento que o método produz, isto é, a teoria psicanalítica. A ordem escolhida pelo próprio Freud na definição coloca a investigação em primeiro lugar, conferindo-lhe condição essencial.

Desse modo, penso que o Eixo IV deste Congresso, que aproxima Psicanálise e Investigação, trata do que é o mais fundamental do termo psicanálise – o método de pesquisa. Ele é o sentido mais abrangente e importante para a produção do saber psicanalítico. Dentro desse mesmo raciocínio se expressa Herrmann (1984), quando, em *O que é psicanálise*, afirma que, como o método vem primeiro e é o essencial, costuma escrever o nome do método e o da ciência inteira com letra inicial maiúscula, e, com minúscula inicial, o nome da terapia, isto é, aquilo que o analista faz em seu consultório.

Prosseguindo nas definições fundamentais e na tentativa de esclarecer o termo pesquisa, que integra o título desta parte do trabalho, recorro ainda

aos *Dois verbetes de enciclopédia*, especificamente no último parágrafo do primeiro verbete, item nomeado *A Psicanálise como Ciência Empírica*. Freud (1923) assinala que a psicanálise não é como a filosofia, não é um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e que, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou para uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência, não mais que no caso da física ou da química, se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa de seus conceitos aos resultados do trabalho futuro.

Vale a pena apresentar um exemplo do modo como Freud elabora sua pesquisa, para assim esclarecer melhor no que consiste a pesquisa psicanalítica freudiana. Freud (1914), em *Introdução ao narcisismo*, nos dá um exemplo de sua produção científica, assim se expressando: “Mas sou da opinião de que é exatamente nisso que consiste a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência erigida a partir da interpretação empírica”. Mais adiante, exemplifica sua opinião: “O valor dos conceitos de libido do ego e de libido do objeto reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos, é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre pulsões sexuais e as pulsões do ego. Seja como for, a análise das neuroses de pura transferência (a histeria e a neurose obsessiva) compeliu-me a fazer essa distinção, e sei apenas que todas as tentativas para explicar esses fenômenos por outros meios foram inteiramente infrutíferos”. (p. 93-94).

Nesse fragmento, Freud, ao definir a direção da investigação psicanalítica, dá os critérios que orientam sua pesquisa, realizando estas duas formulações

fundamentais: 1. a oposição entre a “teoria especulativa” e a “ciência construída sobre a interpretação da empiria” e 2. a representação da “empiria” em psicanálise relacionada ao funcionamento psíquico das neuroses e das psicoses, particularmente ao campo das neuroses de transferência.

Freud mostra como submete o material da experiência às idéias abstratas, para empreender o entendimento dos fenômenos. As idéias abstratas, especulação, podem ser descartadas, posteriormente ou não, na medida em que se apresentem como importantes ou ineficazes para a elaboração da empiria. Entretanto, o fundamental é o campo da experiência transferencial que constitui o campo da empiria freudiana.

A direção da pesquisa psicanalítica é a experiência psicanalítica, é ela a base da pesquisa em psicanálise e é ela que fornece os eixos fundamentais para seu norteamento no registro teórico. Freud pôde estabelecer os conceitos fundamentais da psicanálise, mas ao mesmo tempo descartá-los, construindo novos conceitos e hierarquizando seus antigos conceitos nos novos contextos que se apresentavam, tendo como direção de suas indagações teóricas os impasses colocados pelo processo psicanalítico.

Sobre a pesquisa dita empírica

Referi-me, explicitamente, no tópico anterior, à expressão usada por Freud, ‘A Psicanálise como Ciência Empírica’, o que suscita a necessidade de introduzir a problemática da atualidade, ao caracterizar a pesquisa em psicanálise como empírica – tão presente no cenário internacional, mais precisamente no Comitê de Pesquisa da IPA, que vem despertando reações, ao mesmo tempo, favoráveis e de reprovações.

Arnold Cooper (1995) define a pesquisa empírica como o estudo sistemático de qualquer fenômeno realizado por meio de uma metodologia, que permite alguma forma de análise estatística, simples ou sofisticada, que dá uma

medida de confiança concernente à verdade ou à falsidade das hipóteses sob exame, e que relata os fenômenos e os testes a eles aplicados de uma forma que permite que outros tentem replicar a experiência.

Penso que a melhor demonstração da polêmica sobre a pesquisa nomeada empírica no cenário internacional pode ser encontrada no debate entre André Green (1996, 1996) e Robert S. Wallerstein (1996), publicado no Newsletter. Wallerstein e Green ilustram exemplarmente a polêmica que essa concepção de pesquisa empírica suscita em psicanálise: o primeiro defende a necessidade da experiência prática desse tipo e sentencia que “A prova do pudim se faz comendo-o”; já o segundo considera que esse procedimento deforma a natureza do objeto, respondendo que se a prova do pudim está em comê-lo, uma evidência ainda mais forte é a indigestão que esse prato produz.

Fábio Herrmann (1997), no artigo *Investigação psicanalítica*, faz uma crítica consistente ao que é hoje denominada “pesquisa empírica”, assinalando que, ao lado da pesquisa teórica, conceitual, a empiria psicanalítica, a zona de fenômenos concretos que se oferecem a nosso estudo, é antes de qualquer coisa a clínica. É na clínica psicanalítica que se desenvolve nossa modalidade mais essencial de pesquisa.

O que atualmente se chama de pesquisa empírica em psicanálise é a que procura imitar o modelo positivista de erradicação de desvios interpretativo do pesquisador. Sendo, assim, melhor chamar pesquisa controlada, ao invés de pesquisa empírica, uma vez que presidem esse tipo de pesquisa a verificação objetiva e o controle estatístico dos resultados.

A psicanálise, na qualidade de ciência, força uma redefinição do campo das ciências, ou seja, obriga a abertura de espaço para ser recebida, não se conformando ao espaço existente. O método de pesquisa controlada ou pesquisa empírica pode ser útil desde que não pretenda ser psicanalítico, pode esclarecer desde que não se misture com o método psicanalítico, que é

completamente distinto. A mistura trará descrédito à psicanálise, muito mais que a falta de verificação quantitativa.

Talvez a questão mais importante a ser compreendida dentro deste tema seja a do fascínio que acomete certa parcela de psicanalistas, quando se descortina a possibilidade de demonstração estatística dos efeitos da psicanálise.

Herrmann (1997) conclui o trabalho afirmando que o problema central da convivência entre a psicanálise e a pesquisa controlada reside na tendência daquele tipo de pesquisador em acreditar em demasiado nos rituais de coleta de dados e demonstração de hipóteses, deixando de lado a significância heurística de seu estudo. Uma trivialidade observada em cem casos e provada por sofisticado procedimento estatístico continua a ser trivial. Por outro lado, os psicanalistas tendem a realizar observações muito restritas e, em seguida, a projetar teorias já constituídas sobre o material, imaginando que as estão comprovando. A psicanálise continuará a existir enquanto puder ser reinventada rigorosamente dentro dela mesma. Em suma, Herrmann não aceita que tantos e tão destacados analistas, que sustentam a chamada investigação empírica, sejam ingênuos ou mal intencionados, simplesmente, acredita que estejam sob o efeito do retorno do reprimido, ou melhor, no caso em pauta, do retorno epistemológico do superado.

Modos de pesquisar o objeto da psicanálise

Renato Mezan (1993), em *Que significa “pesquisa” em psicanálise?*, afirma que a psicanálise é uma disciplina que acumulou uma quantidade considerável de conhecimentos sobre seu objeto, o inconsciente, e esses conhecimentos foram obtidos através de algum tipo de pesquisa. Delineia duas direções para a elucidação do que seja “pesquisa em psicanálise”: 1. A vertente que passa por sua inclusão nos programas universitários e 2. A vertente que passa pelo modo de produção dos conhecimentos psicanalíticos. Vertentes que podem revelar-se paralelas ou entrecruzadas.

A primeira vertente, a que passa por sua inclusão nos programas universitários, foi desenvolvida por Jean Laplanche em seus cursos na Universidade de Paris VII, consistindo numa leitura histórica, problematizante e interpretativa dos textos psicanalíticos, que pretende mostrar que é possível ler os escritos analíticos de um modo analítico, não interpretando as fantasias de seus autores, mas utilizando como instrumento o método psicanalítico e suas categorias heurísticas: a atenção ao detalhe dissonante, a reconstrução do contexto, a temporalidade própria instaurada pela psicanálise, com seus conceitos-chaves - de repetição, de retorno do reprimido, de *a posteriori*. O objeto de pesquisa é aqui constituído por textos, não por aquilo que se costuma designar como material clínico, mas que remeta à situação clínica. Laplanche postula assim um paralelismo entre a “coisa”, ou seja, o inconsciente, e o discurso que fala dela. As articulações complexas da “coisa” são transpostas no e pelo discurso; este reflete e refrata aquela, como um prisma. Laplanche expõe seus princípios metodológicos com notável precisão num texto intitulado *Interpretar (com) Freud*. Nesse texto, o método freudiano de análise do indivíduo e de seu desejo para as exigências de um pensamento - aquilo que, no plano da discursividade, mais se aparenta a este desejo constitui uma regra metodológica salutar - percorre a obra em todos os sentidos, sem nada omitir e sem nada privilegiar a priori; talvez seja para nós o equivalente da regra fundamental do tratamento. A pesquisa de Laplanche retoma, nos níveis histórico e crítico, a evolução do pensamento freudiano, aproxima-se do que Hegel denominava a história dos problemas, e que marca a história da filosofia como disciplina universitária. A noção central de ambos é de exigência, exigência de pensamento. No caso da psicanálise, essa teoria afirma que todo fenômeno psíquico é co-determinado por um domínio heterogêneo e não-paralelo à consciência, o inconsciente. Posto que a superfície legível dos enunciados teóricos contém inevitavelmente uma parcela de elaborações secundárias e camuflagens do ego, pensá-los psicanaliticamente implica tomá-los pelo avesso e procurar destacar deles outras redes de significações. A isso Laplanche denomina desmantelamento ou aplainamento dos enunciados textuais. Temos, assim, uma concepção do

que é a pesquisa em psicanálise, bastante complexa e fecunda, que a aparenta a outras disciplinas universitárias, em especial à história da filosofia e das ciências. Pressupõe que a psicanálise possa ser tema de reflexão conforme as regras de todo pensamento e não apenas domínio privado do psicanalista, que se escudaria atrás de sua prática, necessariamente submetida ao sigilo profissional, para se dispensar de expor os resultados e questões a que essa prática o conduz.

A segunda vertente, que passa pelo modo de produção dos conhecimentos psicanalíticos, segundo Mezan - que acompanha o modo de produção de Freud, Kohut e Green como pesquisadores em psicanálise, para exemplificar essa vertente -, a elaboração teórica de um psicanalista se constitui de características que a aparentam às formulações científicas, quais sejam, as de coesão interna, comunicabilidade, verificabilidade e cumulatividade. O que Freud, Kohut e Green propõem respeita esses parâmetros, e nesse sentido são passíveis de uma análise metodológica e epistemológica. São tentativas de psicanalistas singulares para dar conta do que ocorre no tratamento de seus pacientes.

Mezan, que acredita ser possível afirmar que a psicanálise apresenta algumas características que a aparentam a uma ciência - embora por outros aspectos, especialmente o do fazer psicanalítico, o da prática terapêutica, ela se assemelhe às artes e à ourivesaria -, conclui dizendo que a pesquisa em psicanálise nasce precisamente dessa insatisfação com o já-sabido. Mas se a imagem da bela totalidade teórica pode servir à resistência, também é verdade que somente sobre a base de um saber já constituído é que se pode perfilar a dúvida metódica.

Avanços na pesquisa psicanalítica

Birman (1986, 1992, 1994) apresenta dois tópicos que muito contribuem para a reflexão sobre a pesquisa em psicanálise. Um diz respeito à ampliação

do espaço onde se realiza a pesquisa em psicanálise e o outro concerne à valorização da interdisciplinaridade para o avanço do saber psicanalítico.

Os ensaios *O objeto teórico da psicanálise e a pesquisa psicanalítica* (1986) e *A direção da pesquisa psicanalítica* (1992) produzem uma reflexão clínica e teórica que justifica a ampliação do espaço onde se pode realizar a pesquisa em psicanálise, em que o autor trabalha com diversas oposições e dualidades que perpassam o campo psicanalítico em sua estrutura, quais sejam: 1. teoria/experiência psicanalítica, 2. psicanálise “pura” / psicanálise “aplicada”, 3. experiência psicanalítica / clínicas psicanalíticas.

Ao tratar do dualismo teoria e experiência psicanalítica em *O objeto teórico da psicanálise e a pesquisa psicanalítica*, circunscreve o lugar epistemológico ocupado pela teoria em psicanálise e sua articulação com as operações reguladoras do ato psicanalítico e considera que os impasses do processo psicanalítico sempre foram o aguilhão insistente que levava Freud a questionar a consistência da teoria psicanalítica, o que demandava a produção de rupturas e avanços conceituais significativos.

Ao tratar do dualismo ou de possíveis oposições entre experiência psicanalítica e clínicas psicanalíticas, Birman assinala que o processo psicanalítico é a condição ideal para a investigação, pois nele o objeto da psicanálise se desdobra em todas as suas facetas, permitindo que se exerçam com maior rigor as estratégias metodológicas. Entretanto, o estabelecimento rigoroso dessas condições metodológicas permite considerar como efetivamente psicanalíticas muitas práticas clínicas até agora abordadas como psicoterápicas, pois se constituem em relação inter-humana em que a palavra circula entre dois lugares assimétricos, sem que o psicanalista tenha que responder à demanda do outro, e em que pode se instaurar, trabalhar e elaborar a transferência. Desse modo, é preciso superar devidamente dois obstáculos epistemológicos na concepção do que seja o espaço psicanalítico: 1. A imposição metodológica de identificar o espaço analítico mais pelo seu formalismo, que o delimita por sua

exterioridade, do que pela dimensão básica do processo psicanalítico; e, 2. como correlato disso, a identificação do ato psicanalítico como exercício virtuoso de uma técnica, transformando a suposta experiência analítica num ritual obsessivo.

Considerando o espaço psicanalítico como o *locus* para a pesquisa psicanalítica, é possível estabelecer um critério metodológico para sua transposição a outras áreas próximas de investigação. Assim, é possível ampliar os campos empíricos, utilizando-se desse critério metodológico para a validação de pesquisas fora do processo psicanalítico estrito, mas mantendo a uniformidade teórica das condições experimentais. Enfim, é necessário que a psicanálise considere seriamente as questões que lhe são lançadas pelos outros saberes, repensando-as em seu espaço teórico próprio e com sua linguagem conceitual.

Em seu ensaio intitulado *A direção da pesquisa psicanalítica* (1992), Birman (1992) desenvolve ainda mais o caminho anteriormente traçado, com as seguintes questões: 1. É possível existir pesquisa psicanalítica sem que se considerem as exigências fundamentais da experiência psicanalítica? 2. É possível pensar na existência de uma psicanálise dita “pura”, a que se contraporá uma modalidade “aplicada” de psicanálise? A clínica representa a psicanálise em estado “puro” e a teoria é subsidiária da clínica, o lugar epistemológico definido como o da reflexão sobre as vicissitudes da experiência psicanalítica. Entretanto, a teoria não é hierarquicamente inferior à clínica analítica, mas seu correlato e contraponto, na medida em que encontra na clínica o seu lugar possível na perspectiva epistemológica.

Assim, podemos chegar a algumas conclusões sobre a direção da pesquisa em psicanálise: 1. A experiência psicanalítica é o que define a direção da pesquisa freudiana em psicanálise. 2. A experiência psicanalítica admite diversas possibilidades de clínica. A psicanálise não se identifica com o exercício virtuoso de uma técnica, pois esta é extremamente variável, considerando-se a invariabilidade de seu método. Enfim, existem técnicas

diferenciadas em psicanálise que, como espécies, se correlacionam ao método psicanalítico como sendo o seu gênero.

Birman (1994), no livro intitulado *Psicanálise, Ciência e Cultura*, tem o propósito de construir uma interlocução fecunda da psicanálise com outras disciplinas, operando na fronteira da psicanálise com outros saberes, de forma a construir problemáticas que proporcionem uma interlocução interdisciplinar.

Justifica seu propósito como uma inserção no campo intelectual, pois, nos últimos anos e em escala internacional, um paradigma interdisciplinar de pesquisa, em diferentes saberes, tem se afirmado. Diferentes saberes procuram sair do isolamento para dialogar com disciplinas próximas. Deste processo de interlocução, resultaram a constituição de novas problemáticas de pesquisa, que se ordenaram nas fronteiras interdisciplinares, e a retomada e renovação de temáticas antigas.

Birman conclui afirmando que: “A interdisciplinaridade não implica em identidade de objeto teórico. Diferentes saberes podem trabalhar sobre um mesmo tema, não significando que tenham o mesmo objeto teórico. O que se impõe é outra interpretação da pesquisa interdisciplinar, através da qual os diferentes saberes realizem recortes no campo de um dado problema, recortes que se estruturaram nas linhas de força de seus objetos teóricos e de seus conceitos fundamentais. Desse modo, pode-se realizar a produção de conhecimento, a constituição de positivities inéditas e a elaboração de novos conceitos”.

Conclusão

Retomando o debate entre os adeptos da pesquisa empírica, baseada em método quantitativo, e os críticos dessa metodologia de pesquisa, também nomeada formal, e com base em minha experiência de pesquisa em psicanálise e reflexão teórica, insiro-me neste debate com Freud: se a

experiência estiver alicerçada nos conceitos fundamentais da psicanálise – o inconsciente dinâmico, a resistência e a transferência -, qualquer linha de investigação tem o direito de chamar-se psicanalítica. Em outras palavras, trata-se, antes, mais de qualidade do que de quantidade.

Iniciei esta comunicação citando literalmente a definição de Psicanálise mais recentemente estabelecida pela *International Psychoanalytical Association* (2003), quando o termo psicanálise, baseado e derivado das descobertas fundamentais feitas por Sigmund Freud, é formulado como uma teoria do funcionamento e da estrutura da personalidade e uma técnica psicoterapêutica específica.

Entretanto, Freud (1923), conforme já exposto no desenvolvimento deste trabalho, formulou uma definição de psicanálise das mais claras e aceitas no movimento psicanalítico internacional, que se encontra no início do artigo *Dois verbetes de enciclopédia*.

Desse modo, penso que a ausência do método de pesquisa na recente definição estabelecida pela IPA (2003) constitui um retrocesso para o movimento psicanalítico. Enquanto, no entendimento de Freud, o termo psicanálise contempla três sentidos - um método de investigação, uma forma de tratamento e o conhecimento que o método produz, isto é, a teoria psicanalítica -, a atual definição limita-se apenas a dois dos sentidos - a teoria e a terapia, deixando de contemplar a primeira acepção apontada por Freud, a do método de investigação.

A ordem escolhida pelo próprio Freud na definição coloca o método de investigação em primeiro lugar, atribuindo-lhe caráter essencial. Ele é o sentido mais abrangente e importante para a produção do saber psicanalítico. Desse modo, julgo necessário rever a definição estabelecida pela instituição criada pelo fundador da psicanálise, para que ela possa continuar considerando e estimulando as pesquisas para o progresso do saber psicanalítico e do campo da saúde mental.

- BIRMAN, J. (1986). O objeto teórico da psicanálise e a pesquisa psicanalítica. In: *Ensaio de Teoria Psicanalítica*, Parte 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 12-24.
- (1992). A direção da pesquisa psicanalítica. In: *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 13-27.
- (1994). Introdução: Fronteiras, limites e confins da psicanálise. In: *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 7-11.
- COOPER, A. (1995) On Empirical Research. In *Research in Psychoanalysis: Process, Development, Outcome*, ed. T. Shapiro & R. N. Emde. Madison, Conn: International Universities Press, p. 381-391.
- FREUD, S. (1914) Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. *A. E. 14*.
 ----- (1923 [1922]). Dos artículos de enciclopedia: “Psicoanálisis” y “Teoría de la libido”. *A. E. 18*.
 ----- (1914). Introducción del narcisismo. *A. E. 14*
- GREEN, A. (1996) Algo de budín! *The Newsletter of the International Psychoanalytical Association*, 5: 18-21.
- (1996) Qué tipo de investigación para Psicoanálisis? *The Newsletter of the International Psychoanalytical Association*, 5: 10-14.
- HERRMANN, F. (1984) *O que é psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural – Brasiliense.
- (1977) Investigación psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 30: 7 – 18.
- Internacional Psychoanalytical Association - IPA - Constitution and Bylaws of the IPA, In: *Membership, Handbook and Roster*, Byte & Type Limited Sampson House, London, United Kingdom, p. 45-58, 2003
- LAPLANCHE, J. (1987) *Problemáticas I – A Angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
 ----- *Problemáticas IV – O Inconsciente e o Id.* (1992) São Paulo: Martins Fontes.
- LOWENKRON, T. (2004) *Psicanálise interminável ou com fim possível?* Tese de Livre Docência, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro.
- (1998) *Contribuição do saber psicanalítico ao campo da Psiquiatria e da Saúde Mental: pesquisa interdisciplinar*. Projeto de Pesquisa registrado na UFRJ / SIGMA (Sistema Integrado de Gerenciamento Acadêmico), Código No. 4195.
- (2000) *Questão da pesquisa em psicanálise: “Prova-se do pudim comendo-o”?* *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol.34 (4): 749-766.
- (2001) *Pesquisando a pesquisa em psicanálise*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 35 (3): 895-907.
- MEZAN, R. (1993) Que significa “pesquisa” em psicanálise? In *Investigação e Psicanálise*, coord. M. E. L. da Silva, Campinas, São Paulo: Papirus. p. 49-89.
- WALLERSTEIN, R. S. (1986) *Forty two lives in treatment: A study of Psychoanalysis and Psychotherapy*. The report of the Psychotherapy Research Project of Menninger Foundation, 1954-1982. New York: *del siglo XX*, In: *The Newsletter of the International Psychoanalytical Association*, Vol. 6, issue 1, The Guilford Psychoanalysis Series, 1986, 784 p.
- WALLERSTEIN, R. S. (1996) Investigación Psicoanalítica: En qué discrepamos? In *The Newsletter of the International Psychoanalytical Association*, 5: 15-17.

Eis, a seguir o modelo do formulário para o Diário de Bordo a ser preenchido mensalmente e encaminhado a secretaria da escola para anotações no seu boletim.





INSTITUTO AVANÇADO DE PSICANÁLISE Miesperanza

Mantenedora: Associação Educacional Cultural e Assistencial MIESPERANZA

Convênio: Sociedade Psicanalítica MIESPERANZA

DIÁRIO DE BORDO 2012

Aluno: _____ Turma: _____

Matrícula: _____

Orientações: O *diário de bordo* é um precioso auxiliar de navegação. É o local onde se anotam e registram diversos fatores que ocorrem numa viagem. No nosso caso, ele será elemento de grande relevância para o cumprimento do Art. 47 da Lei 9.394 de 20/12/96 e da PORTARIA N.º 01, DE 7 DE ABRIL DE 1998, quanto ao total de horas aulas a serem cumpridas anualmente em classe e extra-classe (complemento).

O registro de informações no *diário de bordo* deverá ser da total responsabilidade do aluno, e o seu uso obedece a regras simples, mas metódicas, de modo a tirarmos dele alguma utilidade. Existem vários tipos de registro num *diário de bordo* que podem ser mais ou menos completos conforme as orientações.

Os alunos deverão registrar o tempo utilizado em leituras e estudos complementares extra-classe ao curso de Formação em Psicanálise, nas seguintes atividades:

- LIVROS
- APOSTILAS
- PALESTRAS (Congressos/Simpósios/Cursos)
- INTERNET (Estudos e Pesquisas)
- Deverão especificar a atividade, como por exemplo: LIVRO (Título e Autor); REVISTA (Nome); APOSTILA (Título e Autoria); FILMES (Nome); PALESTRAS (Assunto e Local), INTERNET (Endereço eletrônico).

- REVISTAS
- FILMES (VHS/DVD)

Note Bem: Somente serão válidas as leituras que estejam direta ou indiretamente ligados a PSICANÁLISE. Ou melhor, os estudos ligados as áreas humanas e aos assuntos que podem ser estudados e analisados pela psicanálise.

- DATA LIMITE: 20 de Novembro de 2012.

ROTEIRO DO DIÁRIO DE BORDO

Mês de Referência	Horas Utilizadas	Atividade	Especificação
FEVEREIRO/2012			
MARÇO/2012			
ABRIL/2012			
MAIO/2012			
JUNHO/2012			
JULHO/2012			
AGOSTO/2012			
SETEMBRO/2012			
OUTUBRO/2012			
NOVEMBRO/2012			
Total do Período			

Assumo total responsabilidade pela veracidade das informações prestadas neste DIÁRIO DE BORDO.

Data: ____/____/____

Assinatura do Aluno

NOTA: Utilizar o verso ou mesmo folhas anexas para discriminar os itens do Diário de Bordo



© 2011 Miesperanza Editores

Reservados todos os direitos de publicação

em língua portuguesa à

Miesperanza Editores

Rua Leme, 45 - Centro

28890-000 RIO DAS OSTRAS/RJ

Fone/Fax: (22) 27712049

e-mail: miesperanza@miesperanza.org.br

<http://www.miesperanza.org.br>

ADAPTAÇÃO	VERIFICAÇÃO	APROVAÇÃO